

# Migração de capixabas para Rondônia cresce 80%

O motivo é a falta de incentivo oficial ao pequeno produtor no Espírito Santo

Colatina (Sucursal) — Nos últimos três anos, a migração da região Norte do Espírito Santo para os Estados de Rondônia e Mato Grosso aumentou em torno de 80%.

O problema está se agravando a cada dia, relatou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina, João Carlos Goronci, comentando que somente na comunidade de Luzinândia, município de Nova Venécia, este mês, 12 famílias estão abandonando tudo o que têm e indo para Rondônia, em busca de outras alternativas.

A falta de incentivos governamentais para "tocar suas lavouras, que precisam de investimentos constantes, e a relação injusta de parceria foram dois motivos que afastaram, nestes últimos três anos, o homem do campo", disse João Carlos. As promessas de "uma nova vida" em um local que tem boas terras e onde o sistema de meia se faz de uma forma "mais honesta" são também os motivos que fascinam os trabalhadores rurais desta região, como contou Sebastião Fernando da Silva, 34 anos, casado.

## Nova vida

Sebastião foi um dos muitos ho-

mens ligados ao campo que acabaram abandonando o Norte do Estado, há 19 anos, para tentar uma nova vida no estado de Rondônia. O x-meieiro chegou em Rondônia e começou a capinar e roçar para sobreviver, até que em 1987 conseguiu comprar uma área com dois alqueires de café cultivado, um alqueire de pasto, alguns suínos e um barraco, por pouco mais que "uns NCz\$ 100,00", lembrou.

Contou que, como ele, um grande número de pessoas do Norte do Espírito Santo tem se deslocado para Rondônia, e algumas localidades daquele Estado foram povoadas por ex-pequenos proprietários rurais e meieiros vindos de Colatina, Linhares, Nova Venécia, entre outros municípios desta região. Nas cidades como Rolim de Mara e Cacoal, localizadas próximas às BR-25 e BR-364, respectivamente, é comum entre uma conversa e outra acabar descobrindo que a maioria das pessoas daquela localidade é originária do norte do Estado.

As condições básicas de vida, como ausência de saneamento e hospitais, além das doenças como malária — que acaba vitimando alguém uma vez ou outra —, são fatores que não conseguem tirar o fascínio da região, assinalou Sebastião Fernando. Para ele, centenas de outros ex-pequenos proprietários rurais e meieiros o fato de conseguirem terra para plantar e ter uma produção lucrativa é suficiente para não sair mais de lá.



A queimada destruiu, além da vegetação nas encostas e no topo da montanha, também a fauna predominantemente de paca e tatu

Foto de Roberly Pereira